

Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional

Maria Lúcia Martinelli ⁽¹⁾

Resumo

Trato neste artigo de elementos conceituais e teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, situando seus fundamentos, bem como as principais premissas e pressupostos que dão sustentação à sua prática.

Exploro a relação quantitativo-qualitativo no âmbito do método científico, e situo a fonte oral como um recurso privilegiado para a pesquisa em Serviço Social, indicando alguns procedimentos operacionais para sua utilização. Finalizo abordando a construção do documento final da pesquisa e sua importância sob o ponto de vista ético-político e resalto sua intrínseca articulação com a intervenção profissional.

Palavras-chave

(1) Pesquisa qualitativa; (2) Fonte oral; (3) Serviço Social.

Abstract

This article deals with conceptual and theoretical-methodological elements of qualitative research, situating its fundamentals, as well as the main premises and statements, which sustain its practice. The quantitative-qualitative relation in the scope of the scientific method is explored, as well as situating oral source as a privileged resource for research in Social Work, indicating some operational procedures for its use.

The construction of the research paper and its importance under the ethical-political view is approached, and its intrinsic articulation with professional intervention pointed out.

Key-words

(1) Qualitative research; (2) Oral source; (3) Social Work.

⁽¹⁾ Doutora em Serviço Social. Docente, Pesquisadora e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade - NEPI do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP.

Reflexões preliminares

Um exame atento da literatura produzida no âmbito do Serviço Social brasileiro, sobretudo a partir das duas últimas décadas, revela que a produção sobre a pesquisa em Serviço Social vem adquirindo maior sistematicidade e presença.

Embora ainda mantendo certas características já apontadas por Setúbal (2005) como a sazonalidade e o vínculo orgânico com a atividade acadêmica, a pesquisa em anos mais recentes já vem alcançando novos espaços e contextos para além do acadêmico.

Na verdade, isso reflete um amadurecimento da profissão, cuja identidade se consolida como área de conhecimento e de intervenção profissional.

Os Eventos Nacionais de Pesquisadores, promovidos pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, em articulação com o conjunto CFESS/ CRESS (Conselho Federal e Regional de Serviço Social e a ENESSO (Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social) são provas incontestes do crescimento da pesquisa na área.

É importante ressaltar que de tais encontros participam pesquisadores vinculados a rede de ensino superior, da área de humanidades e ciências sociais, bem como as instituições que compõem a rede sócio-assistencial, além de expressivo número de acadêmicos de Serviço Social e áreas afins.

Outra menção a ser feita é o reconhecimento do Serviço Social como área de conhecimento e de pesquisa pelas principais agências de fomento do país: Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa – CNPQ – e Coordenadoria de aperfeiçoamento de Pessoal para Ensino o Ensino Superior – CAPES.

No CNPQ, a plataforma de pesquisadores vem mantendo um quadro estável de mais de cinquenta assistentes sociais pesquisadores, sendo altamente desejável sua expansão, pois a consolidação da pesquisa científica em Serviço Social depende do trabalho rigoroso, metódico, contínuo do assistente social pesquisador.

Nos Estados brasileiros, as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa vêm apoiando também a prática da pesquisa no Serviço Social, desde a Iniciação Científica até o final da carreira acadêmica, embora não haja ainda, no caso de São Paulo, uma área específica para o Serviço Social. O que não impede que, como pesquisadores, sejamos chamados a atuar como pareceristas *ad hoc* em projetos de pesquisa individuais e integrados, nos mais diferentes níveis. O mesmo ocorre em relação à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, para a qual muitos de nós prestamos essa colaboração, a partir do lugar social que ocupamos como assistentes sociais pesquisadores.

Já é chegada a hora, portanto, de podermos conquistar o nosso espaço específico nestas instituições de fomento à pesquisa.

A trajetória percorrida ao longo do tempo, e os resultados e impactos obtidos com nossas pesquisas, são seguros indicativos de que estamos próximos de galgar este espaço mais abrangente de reconhecimento como área científica.

No conjunto da produção dos pesquisadores da área, vem se destacando ao longo do tempo a realização de pesquisas científicas que privilegiam abordagens qualitativas, predominantemente com o uso da fonte oral.

Nesse sentido, inicio a construção deste artigo exatamente com a pergunta: o que é isto, a pesquisa qualitativa?

O que é isto, a pesquisa qualitativa?

Todas as palavras são portadoras de idéias, são plenas de significados, porém tais significados não se revelam por si só, é preciso buscá-los de modo pacientemente impaciente. Portanto, o primeiro significado a ser buscado é: o que é isto, a pesquisa qualitativa?

Porém, antes mesmo de emprendermos esta busca, torna-se imperioso estabelecer, ainda que de modo sintético, os fundamentos filosóficos da pesquisa em Serviço Social, situando, já de imediato, que há uma particularidade histórica na concepção e no modo de pesquisar no âmbito de nosso exercício profissional. Concebemos a pesquisa como mediação constitutiva de nossa identidade e exercício profissional, portanto, inerente ao projeto ético político da profissão. Tal projeto, como construção

sócio-histórica que é, institui-se como solo fecundo onde encontram-se fincadas as raízes de nosso exercício profissional e de nossos contextos de pesquisa, cuja direção social situa-se na perspectiva da emancipação humana dos sujeitos sociais.

Há, pois uma dimensão ontológica na pesquisa em Serviço Social que se expressa na centralidade do sujeito, no modo de pesquisar, na ética na circulação e restituição das informações e, especialmente, no horizonte da intervenção, que orienta sempre os nossos procedimentos investigativos.

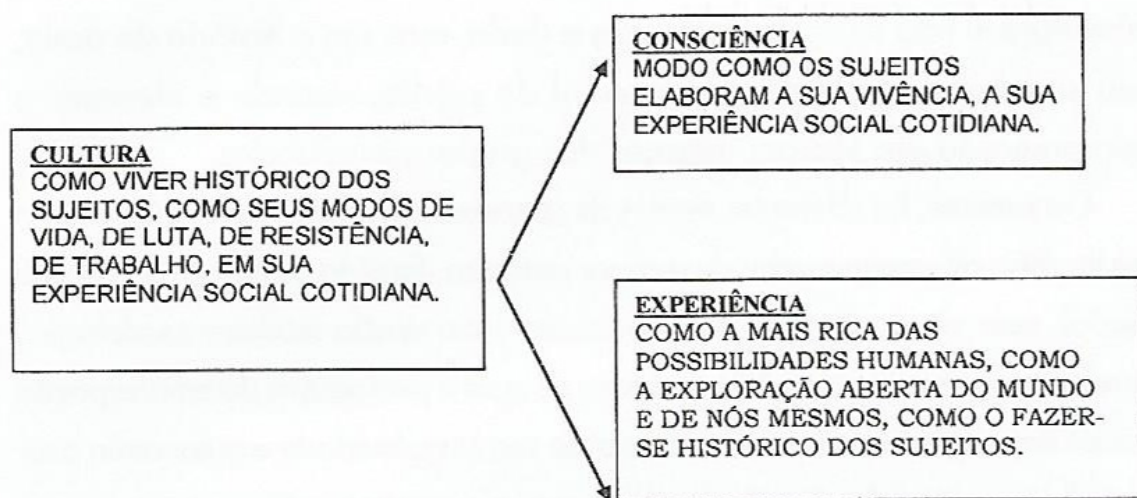
A particularidade histórica da pesquisa em Serviço Social explica-se, pois, exatamente por este conjunto de elementos e pelo modo peculiar de realizá-la, conforme trataremos de evidenciar nesta trajetória analítica.

Retornando agora à pergunta inicial, sobre a pesquisa qualitativa, lembremos que tanto a realidade quanto a relação humana são qualitativas. Implicam em sons, aromas, cores, arte, poesia, linguagem, os quais só podem ser alcançados pela mediação do sujeito e, predominantemente, de modo qualitativo, pois demandam atribuição de significados. Tal tarefa apenas o sujeito é capaz de realizar, pois significados se constroem a partir da experiência. Aqui já entram em cena os principais elementos para ensaiar uma resposta à pergunta sobre o que é isto, a pesquisa qualitativa? Na verdade, começamos a nos aproximar de suas premissas fundamentais, partindo do reconhecimento da subjetividade como fundante do sentido, como constitutiva do social e inerente a objetividade.

Segundo o historiador marxista inglês Edward Palmer Thompson, que viveu de 1924 a 1993, a premissa fundamental para se realizar um trabalho que efetivamente parta da centralidade do sujeito, do reconhecimento da riqueza de sua experiência, é conhecer o modo de vida das pessoas, como vivem a sua vida, quais suas experiências sociais e que significados atribuem às mesmas. Em outras palavras, é conhecer o processo de se fazer sujeito das pessoas com quem vamos realizar, ou estamos realizando a pesquisa.

Ainda segundo Thompson², as principais categorias para se trabalhar na perspectiva de conhecer-se o sujeito, ou mais precisamente, o seu modo de vida são:

²Para aprofundamento dos estudos sobre a proposta teórica de Edward P. Thompson consultar sua obra, especialmente a referida na bibliografia.



De tais premissas decorrem alguns pressupostos que dão fundamento à pesquisa qualitativa e que, basicamente, são³:

- 1o. Reconhecimento da singularidade do sujeito.
- 2o. Reconhecimento da peculiaridade da experiência do sujeito.
- 3o. Reconhecimento da importância de conhecer o modo de vida do sujeito, a sua experiência social cotidiana.

Com base em todos estes elementos, podemos afirmar que a finalidade última da pesquisa qualitativa é conhecer a experiência do grupo pesquisado e os significados que se atribuem a tal experiência. Porém, como todo fenômeno humano implica em dimensão, magnitude e intensidade, a pesquisa qualitativa vai exigir uma permanente interação com a quantitativa, interação esta que na verdade é intrínseca a ambas⁴. O que vale ressaltar, é que a palavra chave da pesquisa qualitativa é compreender, razão pela qual neste tipo de

³ Para detalhamento destas premissas ver Martinelli, Maria Lúcia. "O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social", in Martinelli, Maria Lúcia (org.) *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999, (p.22-23).

⁴ Para aprofundamento da reflexão sobre a relação de complementaridade entre pesquisa quantitativa e qualitativa, consultar Baptista, Dulce Tourinho. "O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa", in Martinelli, Maria Lúcia (org.) *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999, (p.31 a 40). Nesta mesma direção argumentativa indispensável consultar também Minayo, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde*, São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Abrasco, 1996.

abordagem não se valoriza apenas o dado, mas sim a história do dado, seu significado na experiência social do sujeito, visando a alcançar a compreensão das lógicas internas dos grupos pesquisados.

Certamente, há diferentes modos de conceber o conhecimento, assim como há também diferentes modos de realizar pesquisa. Fazê-lo no âmbito do Serviço Social, pela via qualitativa, deve expressar uma opção teórico-metodológica fundada em nosso projeto ético-político, no qual a perspectiva da emancipação social dos sujeitos e o reconhecimento de sua singularidade e autonomia ocupam lugar central. Isto já põe em cena uma importante questão: a pesquisa nas profissões humano-sociais, e especialmente no Serviço Social, não é apenas um procedimento operativo, mas sim a expressão de uma opção política que se concretiza em uma opção teórico-metodológica. O método de pesquisa é uma expressão política, uma extensão de nosso projeto ético-político.

Pesquisar na perspectiva qualitativa, e sempre em interação com a pesquisa quantitativa, é contemplar de modo pacientemente impaciente o que se pretende pesquisar. É o exercício do olhar rigoroso, crítico, atento; é a busca do desvendamento crítico da realidade em análise, com vistas a uma intervenção mais qualificada.

Assim sendo, alguns requisitos são muito importantes para a realização da pesquisa nesta perspectiva, destacando-se entre eles:

- 1) Realizar a pesquisa a partir da prática;
- 2) Falar a partir do lugar da experiência;
- 3) Trabalhar a partir de uma proximidade crítica com os sujeitos;
- 4) Ter sempre no horizonte o valor social da pesquisa, seu retorno ao campo de intervenção e aos sujeitos que dela participaram;
- 5) Intercambiar experiências, dialogar pela via interdisciplinar, para ser criativo na construção do desenho da pesquisa e para melhorar o padrão de qualidade da ação profissional cotidiana.

"Todo conhecimento começa com o sentimento."

(Leonardo da Vinci)

Esta afirmativa do grande mestre florentino é bem expressiva, tanto para sintetizar as principais reflexões que realizamos até o momento, como para ressaltar as peculiaridades deste modo de fazer pesquisa. Mantendo sempre uma relação de complementaridade com as abordagens quantitativas, as qualitativas destacam-se por serem aquelas capazes de incorporar os significados que os próprios sujeitos atribuem a sua experiência social cotidiana⁵. São pesquisas que demandam necessariamente o contato direto com os sujeitos, pois se queremos conhecer experiência social, modos de vida, temos de conhecer as pessoas, sem desvinculá-las, evidentemente, de seu contexto e lembrando sempre que a metodologia da pesquisa é extensão de nosso projeto político.

O uso da fonte oral institui-se como um recurso privilegiado para tanto, pois, ao narrar, o sujeito se revela, organiza a sua memória e relata a sua história. Assim, a entrevista, o depoimento, o grupo focal, complementados pela observação sistemática e pelo diário de campo, são instrumentos fundamentais para realizar a pesquisa pela via qualitativa.

Com base na narrativa do sujeito vamos conhecer modos de vida, lazer, cultura, trabalho, gestos, silêncios, hábitos, valores, organizando-nos neste diálogo a partir dos fundamentos teórico-metodológicos já elaborados à luz de nossa experiência, do conhecimento da realidade e dos objetivos de nossa pesquisa.

O diário de campo e o uso do gravador são instrumentos valiosos e indispensáveis para o trabalho com narrativas orais. É possível afirmar-se mesmo que uma das peculiaridades da pesquisa qualitativa, realizada com o suporte da fonte oral, é o uso do gravador para registro da narrativa e sua posterior transcrição⁶. Filmes, revistas, jornais especializados, fotografias são também importantes fontes de informação que bem podem complementar a narrativa do sujeito e a observação do pesquisador.

Dependendo dos objetivos e características da pesquisa, é possível utilizar-se também do desenho e da entrevista filmada, sempre com o objetivo de se

⁵Introduzimos aqui a expressão abordagens quantitativas e qualitativas para ressaltar que ambas são expressões do método científico, são modos peculiares e complementares de fazer pesquisa.

⁶Para aprofundamento ver a obra clássica de Maria Izaura Pereira Queiroz sobre o tema, referida na bibliografia.

conhecer, tão plenamente quanto possível, a realidade dos sujeitos em relação ao tema pesquisado.

Exatamente para atender a esta finalidade, do conhecimento tão pleno quanto possível da realidade, em pesquisa qualitativa, especialmente nas que se utilizam do suporte da fonte oral, trabalha-se com pequenas cronologias, delineando-se períodos históricos alcançáveis pela memória dos sujeitos. Da mesma forma, com relação aos temas, procura-se estabelecer temáticas mais circunscritas que possam ser contempladas na vivência dos sujeitos.

No que se refere aos próprios sujeitos, uma característica bastante marcante da pesquisa qualitativa, é trabalhar-se com pequenos grupos de sujeitos. O importante é a densidade da experiência e não a extensão do grupo. Há situações em que se pode trabalhar com todos os sujeitos de um grupo específico, até perceber-se que as informações começam a se repetir e que, portanto, já há uma estabilidade na análise. De toda forma, importa ressaltar que em pesquisas qualitativas, reportando-nos basicamente àquelas que se apóiam em fontes orais, o grupo de sujeitos deve ser intencionalmente composto pelo pesquisador. Não se trabalha com amostras aleatórias, uma vez que o interesse do pesquisador é conhecer a experiência social de sujeitos específicos, os significados que atribuem ao tema pesquisado. O fundamental para participar da pesquisa é a densidade da experiência do sujeito e sua expressão na qualidade da narrativa.

Em função destas peculiaridades é que as pesquisas qualitativas têm fundamentalmente o formato de estudos de caso, estudos culturais, estudos etnográficos, onde o que está em jogo não são fatos isolados, mas os sujeitos em suas vivências sociais cotidianas.

Os temas de pesquisa nascem da experiência do pesquisador, de seus sentimentos, porém, a realização da pesquisa exige a interlocução com a teoria, a ida a campo, a interação com os sujeitos.

Fazer pesquisa, nesta perspectiva, é descobrir caminhos, é configurar e decifrar uma paisagem desconhecida na perspectiva do que se está pesquisando. Na verdade partimos do que já conhecemos com vistas a um conhecimento mais pleno da realidade em análise, sabendo que tal conhecimento se constrói ao longo da pesquisa e só se revela na trajetória. No caso específico do Serviço

Social, onde há uma relação intrínseca entre pesquisa, intervenção e a consolidação da identidade profissional, instituem-se aqui importantes expressões da particularidade histórica deste modo de pesquisar, entre as quais destacamos:

- O caminho da pesquisa, sua trajetória, o modo de realizá-la: partimos da prática, apoiados na teoria e na experiência, e pela mediação da pesquisa retornamos à prática juntamente com os sujeitos participantes. Assim como Ulysses, no seu célebre retorno à ilha de Itaca, narrado por Homero, na *Ilíada* e na *Odisséia*, ao pesquisar estamos realizando uma viagem de volta. Porém diferentemente de Ulysses, não estamos sós. A centralidade ontológica do sujeito nos faz alimentar uma relação inclusiva, uma relação de mutualidade, onde somos iguais na diferença. O pesquisador e os sujeitos estão partilhando uma experiência social, estão construindo algo juntos. O uso da fonte oral é especialmente fecundo neste sentido, pois nos permite trabalhar com uma perspectiva de responsabilidade social partilhada, com muito respeito ético ao saber-vivência do sujeito.
- As temáticas de pesquisa e a forma de abordá-las: o eixo história, sujeito e cultura está sempre nas pesquisas que realizamos em Serviço Social. Embora as temáticas estejam referidas às expressões da questão social, trabalhamos a partir de uma dimensão ontológica, onde a centralidade do sujeito é fundamental. Interessa-nos conhecer os significados culturalmente atribuídos pelos sujeitos a tais expressões e como estas repercutem em seu modo de vida, em sua experiência cotidiana.
- Os sujeitos da pesquisa: no sentido geral, o sujeito da pesquisa em Serviço Social é o homem simples, são as pessoas comuns, nas suas situações cotidianas de vida. São homens, mulheres e crianças tão simples, que dificilmente são contemplados por pesquisadores que não estejam vinculados a projetos ético-políticos que tenham na emancipação social o seu norte. Porém como nos lembra Martins (2000, p. 13) "são os simples que nos libertam dos simplismos, que nos pedem a explicação científica mais consistente, a melhor e mais profunda compreensão

da totalidade concreta que reveste de sentido o visível e o invisível".

- O lugar social da pesquisa é o próprio cotidiano, são as microtramas do cotidiano, ali exatamente onde a história se faz: a cotidianidade da vida, onde se tecem histórias tão densamente vividas e, não raro, sem nenhuma visibilidade para o conjunto da sociedade.

- O documento final produzido é uma importante expressão da particularidade histórica da pesquisa em Serviço Social. Na verdade, pesquisamos para melhorar o conhecimento e assim melhorar a intervenção, e queremos melhorar a intervenção para alcançar a emancipação social.

É muito importante, então, que tenhamos claro que, ao trabalhar com a fonte oral, estamos trabalhando com histórias do tempo presente. Estamos construindo um documento de inestimável valor histórico, tecido com as histórias das histórias que podemos conhecer através das narrativas dos sujeitos. São histórias plenas de vida, são vidas plenas de histórias, que dão visibilidade aos sujeitos, ao mesmo tempo em que revelam as múltiplas determinações da questão social. A ética na circulação das informações e a responsabilidade social partilhada são guias indispensáveis na construção deste documento de inegável valor histórico, social e político. Através dele não só estamos restituindo aos sujeitos a pesquisa realizada, como também estamos intervindo na realidade. É de se ressaltar ainda que um bom relatório final de pesquisa nos abre uma fecunda e saudável possibilidade de sair de um conhecimento silencioso para um conhecimento partilhado.

Avançando para o terceiro momento de nossas reflexões, perguntemo-nos sobre como trabalhar com o material da pesquisa e como construir o documento final.

"O real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia"

(Guimarães Rosa)

Como todo procedimento científico, a pesquisa obedece aos cânones da Ciência. Não haverá certamente uma boa pesquisa onde não houver um bom e consis-

te conhecimento teórico e um bom trabalho de campo. Rigor, método, compromisso científico, critério na seleção dos sujeitos, cuidado com os instrumentos são básicos na pesquisa qualitativa. De um bom trabalho com as narrativas, dependerá muito o produto final da pesquisa. A transcrição do depoimento, ou da entrevista, com o apoio dos registros do diário de campo, constitui-se em um outro momento de interação com o sujeito, razão pela qual sempre que possível o próprio pesquisador deve cuidar da transcrição, ou então acompanhá-la muito de perto.

Uma vez realizada a transcrição do material, tratamos de organizá-lo para análise, tendo presente tanto as categorias teóricas, referidas a teoria de base que está dando suporte à pesquisa, quanto às categorias empíricas, emergentes das narrativas dos grupos pesquisados.

Com base nestes elementos e tendo por norte os objetivos que estamos buscando, vamos selecionar as unidades de análise, a partir de seu grau de relevância no contexto das falas dos sujeitos. Assim, vão nos interessar para a compreensão da temática que estamos estudando as informações que se mostram recorrentemente presentes nas falas, pois isto revela uma certa condensação das experiências. Por outro lado, temos que estar atentos também às falas que se mostrem diferentes deste conjunto, pois podem ser valiosas no sentido de introduzir novos ângulos na análise. O importante é que nossa experiência no campo temático que estamos trabalhando, aliada aos conhecimentos teóricos que acumulamos ao longo da trajetória, nos permitam constatar que atingimos um ponto de estabilidade e podemos finalizar a análise. A tarefa que se impõe agora é construir o documento final, retratando a riqueza da pesquisa realizada e da experiência vivenciada no contato com os sujeitos. Como uma teia densamente tecida, tal documento deverá dar visibilidade às principais decisões tomadas pelo pesquisador no curso da pesquisa, bem como às lógicas internas do grupo pesquisado em relação à temática em análise.

Sempre que possível deverá haver algum tipo de retorno da pesquisa aos sujeitos que dela participaram. Dependendo das condições peculiares de cada pesquisa, isto poderá significar desde a simples socialização dos resultados, através de recursos alcançáveis pelos sujeitos, até a implementação de novas políticas e/ou medidas em relação à problemática estudada. É sempre importante cuidar da

ética na circulação das informações, lembrando que as pesquisas que envolvem seres humanos devem atender a objetivos sociais e a padrões éticos. No caso de pesquisas institucionais, sua realização depende de aprovação de Comitês de Ética que, por sua vez, obedecem a normas estabelecidas pelo Comitê Nacional de Ética na Pesquisa.

Por fim, a pesquisa deve atender a alguns requisitos que garantam o seu estatuto científico. Mesmo sabendo que as pesquisas qualitativas não têm por objetivo a construção de generalizações, não podemos nos distanciar do compromisso ético-político com o rigor científico. Assim, para que seus resultados possam ser validados é fundamental que a pesquisa realizada atenda às exigências de transferibilidade e de replicabilidade. Ou seja, tanto deverá haver possibilidade de estender as conclusões para outros contextos, como de replicar o desenho da pesquisa em situações semelhantes.

Os principais requisitos para tanto são: a confiabilidade, a credibilidade e a consistência interna da pesquisa. Tais requisitos, como se depreende, são intrinsecamente articulados sendo mesmo possível afirmar que da consistência interna decorrem os demais. Sim, pois a consistência interna refere-se à maturidade dos fundamentos teórico-metodológicos e à validade dos procedimentos adotados para realização da pesquisa. Em outras palavras, da consistência interna depende o grau de cientificidade da pesquisa.

A confiabilidade refere-se à clareza e exatidão das informações do pesquisador e a credibilidade está diretamente associada à garantia de qualidade científica do empreendimento realizado.

Como se vê, portanto, há bastante rigor na prática da pesquisa, porém tal rigor é plenamente compensado pelo avanço do conhecimento e pelo prazer da descoberta. Como bem afirma o saudoso professor Octavio Ianni, em seu livro *Enigmas da Modernidade - Mundo* (2000, p. 31) "No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa".

Recebido em agosto de 2008, aceito para publicação em dezembro de 2008.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Sandra Márcia Ribeiro Lins de. *Qualidade de vida do idoso: a assistência domiciliar faz a diferença?* São Paulo: Casa do Psicólogo, Cedecis, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e Gewandsznajder, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002.

BAPTISTA, Dulce M. Tourinho. "O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa", In: Martinelli, Maria Lúcia. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

BAPTISTA, Myrian Veras. *Investigação Social*. Lisboa, Portugal: CPHITS, 2002.

BEZERRA, Holien Gonçalves, "E.P. Thompson e a teoria na história", In: *Revista Projeto História: Diálogos com E.P. Thompson*. Nº 12. São Paulo: PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1995. (p. 119-127).

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

COELHO, Virginia Paes. *Visitando a história a partir das memórias femininas: mudanças e permanências na socialização da mulher na família 1960/1990*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2001.

CNPq, *Relatório da Área de Psicologia e Serviço Social*, 2008.

FENELÓN, Déa Ribeiro. "E.P.Thompson. História e política", In: *Revista Projeto História: Diálogos com E.P. Thompson*. Nº 12. São Paulo: PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1995. (p. 77-93).

IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

KOUMROUYAN, Elza. "A pesquisa da indizível: a escuta do outro", In: Martinelli, Maria

Lúcia. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MARTINELLI, Maria Lúcia. "O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social e uma nova perspectiva de história: a história social", In: Martinelli, Maria Lúcia. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 1999.

_____. "Serviço Social em Hospital-Escola: um espaço diferenciado de ação profissional", In: *Revista Serviço Social e Saúde* No.1. Campinas, São Paulo: Hospital das Clínicas da UNICAMP, 2002 (p. 1-11).

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na anormalidade anômala*. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*,. 8ª. Edição. Petrópolis: Vozes, 1994 (8ª. Ed.).

_____. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, Abrasco, 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

SETUBAL, Aglair Alencar. *Pesquisa em Serviço Social: realidade e utopia*. São Paulo: Cortez, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.